
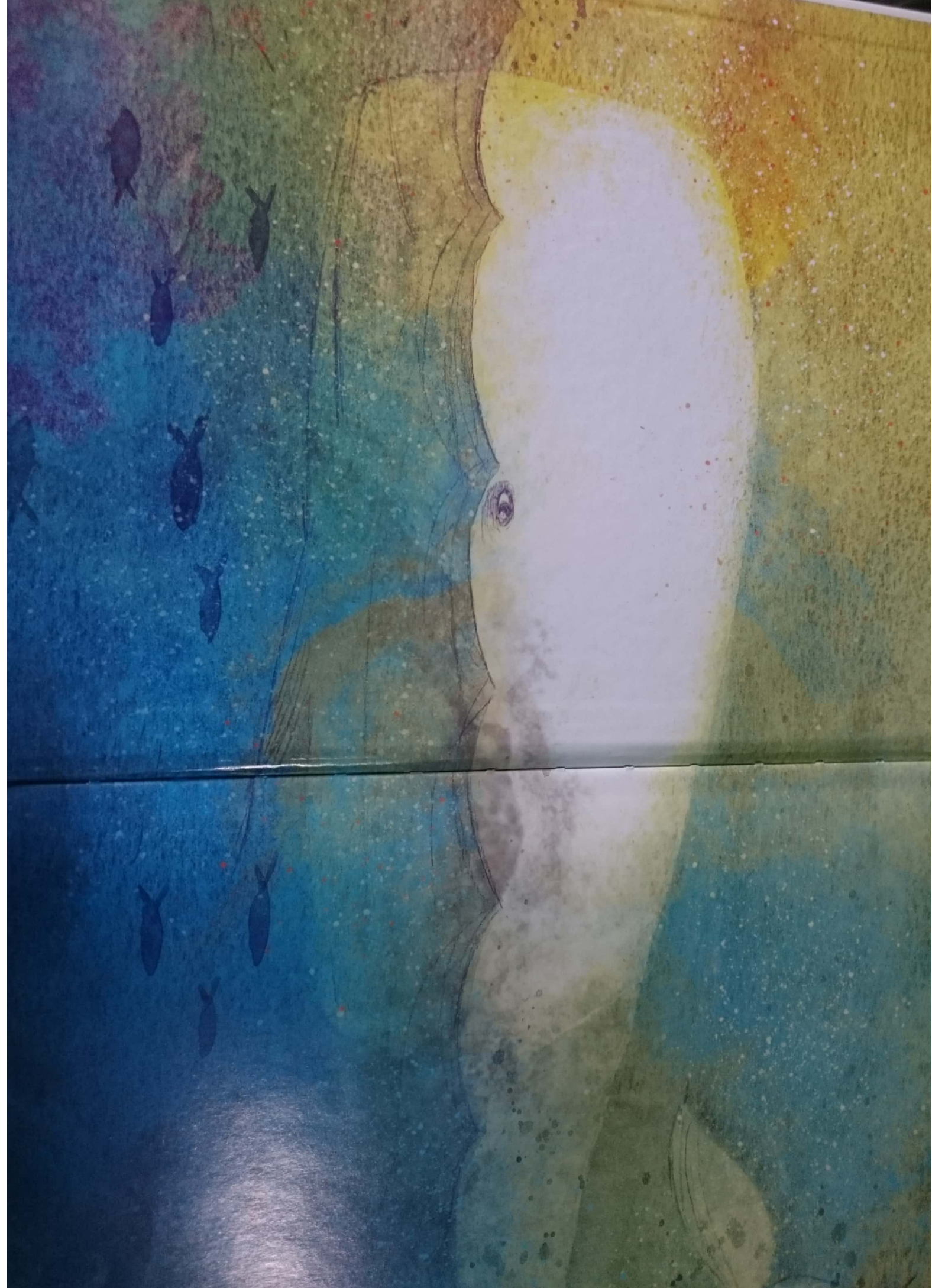


Minha  
LEÇÃO FOLHA *Primeira*  
Biblioteca



# Moby Dick



# Moby Dick

Herman Melville

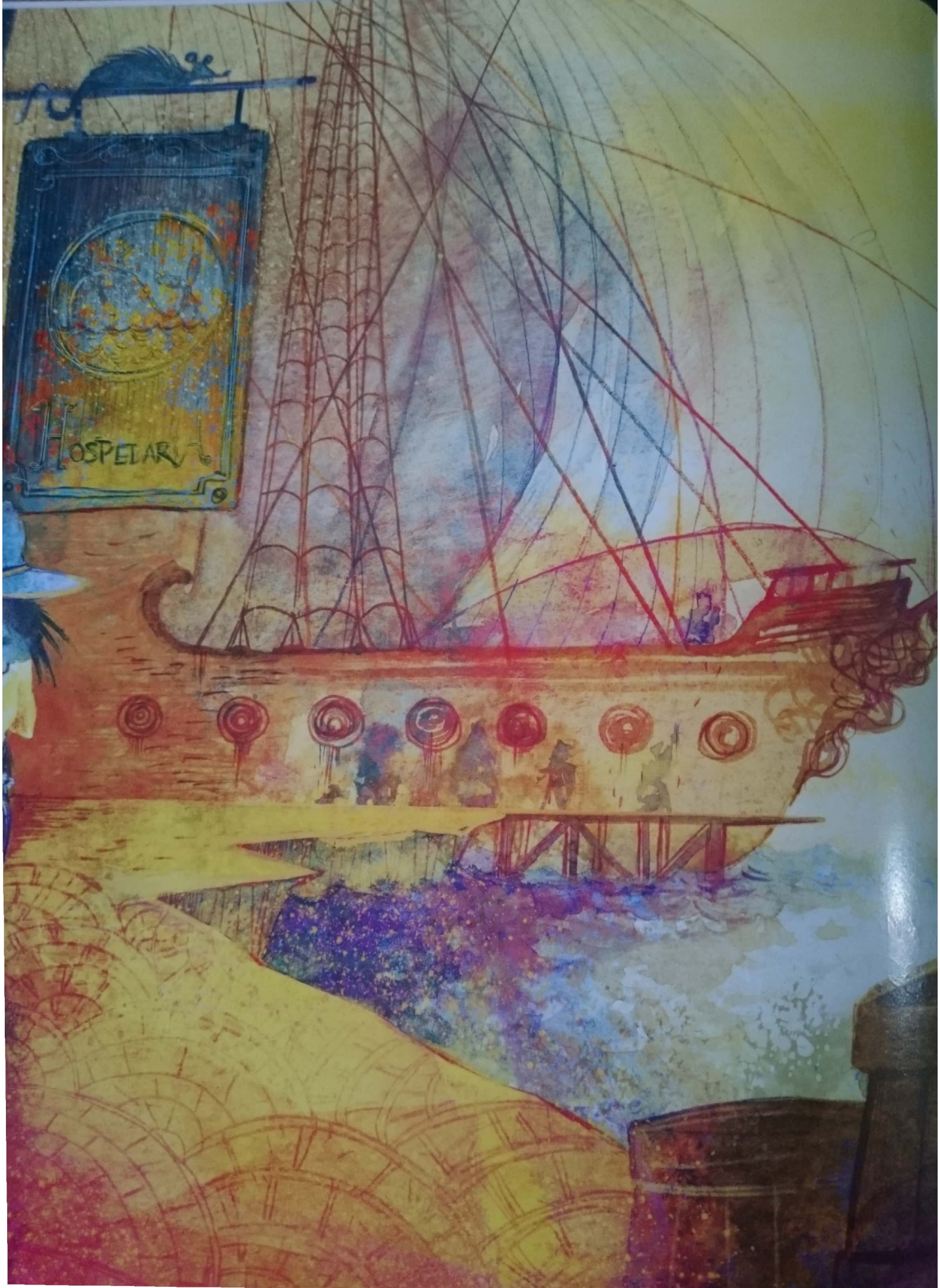



Adaptação: Stela Maris Fazio Battaglia  
Ilustrações: Weberson Santiago

779.232  
335m

BIBLIOTECA  
515611

Procedência compra  
Livraria feira do livro  
R\$ 10,00  
NF nº 1410511





**Q**uando o capitão Ahab pensava em Moby Dick, a baleia branca, seu rosto endurecia como aço, seus dedos fechavam-se até as unhas ferirem as mãos e seu corpo agitava-se como um mar em dia de tempestade. O que teria acontecido entre o homem e aquele animal?

Quem vai contar esta história é um marinheiro que viajou junto com o capitão Ahab pelos grandes oceanos da Terra. Ele ouviu, viu e viveu muitas coisas espantosas!

**M**eu nome é **Ishmael**. Um dia, resolvi aventurar-me pelo mar trabalhando em um navio baleeiro. Sem muito dinheiro, dirigi-me à ilha de Nantucket, perto de Nova York, de onde partiam esses tipos de embarcações; porém, durante o trajeto, tive que pousar numa hospedaria. Ali conheci um sujeito chamado Queequeg, filho do rei da ilha de Kokovoko (que não está em nenhum mapa). Ele tinha costumes muito diferentes dos meus: era pagão, honrava deuses de madeira e vendia cabeças embalsamadas. Seu corpo era todo tatuado. Nos primeiros contatos Queequeg me pareceu estranho, mas, depois, conhecendo-o melhor, descobri que era um bom camarada. Ele me disse, numa linguagem esquisita para mim, que saindo de suas terras, também fez descobertas sobre pessoas:

— Eu saber tem home mau em tudo lugá no grandi mundo.

Assim, como companheiros, nós embarcamos num navio de caça a ba-

leias chamado *Pequod*. Equipado para capturar imensos animais, o *Pequod* ia levar tudo o que fosse necessário para ficar três ou quatro anos no mar, sem aportar: mantimentos, água potável, instrumentos de trabalho — botes, arpões, cordas de cânhamo, facões, roldanas, remos, cestos, barris, pás —, material de orientação e observação — bússolas, mapas, cartas náuticas, lunetas —, instrumentos para fabricação e reparo de peças (serviços de ferraria e carpintaria), utensílios de cozinha etc... Para mim tudo era novidade, pois eu só tinha viajado por mar em navios mercantes.

A tripulação do *Pequod* contava com Starbuck, Stubb e Flask, que eram os imediatos, ou seja, os principais ajudantes do capitão; eles participavam das perseguições às baleias, nos três botes que iam atrás delas. O índio Tashtego e o negro Daggoo eram os caçadores de baleias, chamados arpoadores. Queequeg juntou-se a eles, dada sua habilidade em manejar arpões e acertar alvos pequenos e distantes. Havia vários marinheiros mestiços, náufragos e canibais vindos de diversos cantos. Quanto ao capitão, **Ahab**, só pude conhecê-lo após vários dias de viagem. Eu estava ansioso porque tinha ouvido dizer muitas coisas a seu respeito — “era bom sujeito”, “era estranho”, “não era religioso” etc. Pude vê-lo quando apareceu, certa manhã, no tombadilho do navio. Usava um chapéu sobre os cabelos grisalhos, o qual protegia o rosto cheio rugas e com uma cicatriz que se alongava pelo pescoço. Tinha um olhar firme. Seu andar era acompanhado por um **tôc-tôc-tôc**, em batidas secas e repetidas, apesar de não usar bengala.

Alguns homens que também viajavam no navio só encontrei depois de muitos dias de navegação. Foi uma surpresa para toda a tripulação, porque tinham se escondido. Pensamos que haviam embarcado como clandestinos, mas, na verdade, estavam a serviço pessoal de Ahab. Que figuras estranhas, principalmente Fedallah e Parse! Fedallah, muito quieto, dava a impressão de ter autoridade sobre o capitão. Descobrimos mais tarde que observava as rugas das baleias e, logo a seguir, olhava as linhas de sua própria mão. Já Parse parecia amedrontar Ahab com seus olhares profundos.

**I**niciamos nossa rota de navegação saindo da América do Norte pelo oceano Atlântico. Eu estava animado e temeroso ao mesmo tempo.

Já não víamos mais sinal de terra quando, numa tarde, o capitão mandou Starbuck chamar a tripulação e disse:







— O que vocês fazem quando veem uma baleia?

— Nós gritamos!

— E depois?

— Descemos os botes e vamos atrás dela!

— Muito bem, agora prestem atenção! Vocês estão vendo esta moeda de ouro espanhola? Vou prendê-la ao mastro e o primeiro que avistar Moby Dick, uma baleia branca como neve, será dono dela. Ela tem a mandíbula deformada, a fronte enrugada, três furos a estibordo da cauda. Seu jato é alto. Há ferros cravados no seu corpo. Estou em busca desta assassina e darei a volta ao mundo todo como um demônio, até matá-la. Enquanto ela viver, não terei paz e...

Foi quando Starbuck interrompeu:

— Moby Dick, a baleia que arrancou a sua perna?

— Sim, esta maldita — respondeu Ahab.

— Mas capitão — continuou o imediato —, estamos aqui para caçar baleias, e não para participar de uma vingança! E vingança contra um animal irracional, que ataca por instinto! Nosso trabalho não pode ser desprezado — matamos baleias porque precisamos de seus produtos. Como ter luz sem o óleo que tiramos do espermacete de suas cabeças? E é com este óleo que se coroam reis e rainhas!

— E eu gosto de comer carne de baleia — disse, rindo, Stubb, entre as baforadas do seu cachimbo.

Outros marujos falaram:

— Podemos tirar âmbar-gris de baleias doentes e fazer perfumes, produtos pra cabelo, velas, defumadores.

— Ganhar dinheiro...

— E tem histórias com baleias que arrepiam a gente!


— BASTA DE FALAÇÃO! — disse o capitão. — Eu quero uma baleia, **Moby Dick**. E irei persegui-la até o fim do mundo! Quem vai jurar morte a ela, junto comigo?


Animada pela determinação do velho Ahab, a tripulação gritou junto, “Eu”, e fez um brinde com canecas de rum. Starbuck disse apenas “Que Deus nos proteja!”.

**N**avegando, podíamos ver a beleza dos oceanos, do sol e do voo das aves; mas o trabalho dentro do navio era bruto e exigia atenção e força, pois a

embarcação, sujeita às correntes de vento, era direcionada pelo controle de velas. Assim, o ar poderia nos ajudar a avançar em nosso caminho ou estar em direção contrária. Além disso, havia o serviço de corte das baleias caçadas e de armazenamento dos produtos.

Subir nos mastros, içar velas, arriar botes, vigiar no cesto da gávea, dirigir-se ao leme, eram ordens dadas continuamente. Havia turnos de observação nos mastros para verificar a aproximação das baleias. Muitas vezes ouvia-se cantoria durante as vigílias:

— *Sempre alegres, rapazes! Que não lhes falte veia!* 

 *Quando os bons arpoadores golpearem a baleia!*

Quando elas apontavam, botes amarrados nas laterais do navio eram des-  
cidos com cordas até a água, conduzindo os imediatos e seus arpoadores para  
enfrentar os animais.

O combate era feroz. Os homens, no comando dos botes em águas agi-  
tadas, jogavam pesados arpões de aço presos a cordas, para capturar enormes  
bichos pulando no mar como loucos. As baleias investiam furiosamente para  
destruir seus caçadores e defender a vida delas.

Enquanto os vigias nos mastros ficavam atentos ao mar, Ahab estudava  
as rotas de circulação das baleias nos oceanos a fim de encontrar Moby  
Dick. Queria chegar ao oceano Pacífico, na altura da linha do Equador,  
onde lutara contra ela. Ali queria ver espirrar o sangue de sua inimiga, por-  
que ali tinha perdido sua perna. Era por esse motivo que o andar do capi-  
tão fazia sons secos e surdos. Para se movimentar, ele usava uma perna ar-  
tificial, feita de osso de baleia; quando ficava parado no navio em movimento,  
encaixava a ponta do osso em pequenas reentrâncias escavadas no chão para  
se apoiar.

Desde o trágico encontro com a baleia branca, movido pelo desejo de  
**vingança**, Ahab só tinha uma certeza: não poderia mais ter paz enquanto  
**ela** vivesse e continuasse a alimentar medos e histórias entre os marinheiros.

tinham visto, outros que lutaram contra ela e desistiram; mas existia um homem, Ahab, que vivia em função do desejo de destruí-la, mesmo avisado pelos companheiros de que isso era uma loucura.

**Mistérios** pareciam cercar o nome dessa baleia. Pressentimentos, sinais, profecias, sons assustadores, fatos inexplicáveis aconteciam quando Moby Dick era lembrada. Em nossa viagem, quantas coisas misteriosas aconteceram! Estávamos no oceano Atlântico, indo em direção ao cabo da Boa Esperança, no sul da África, quando, à luz do luar da meia-noite, Fedallah avistou um jato. Ahab mandou aumentar a velocidade do navio, mas o jato desapareceu. E isso aconteceu por várias noites, sempre à mesma hora. De forma estranha, era como uma força a nos atrair para a frente.

Dias e noites pelo mar sem fim, só encontrávamos gente nova quando cruzávamos com outros navios. Era costume, então, que os capitães e imediatos se cumprimentassem pessoalmente em suas embarcações, trocassem informações, cartas, e pedissem ajuda.

Em nosso caminho passamos por vários navios, cada um com nome e história diferente para contar. No oceano Índico, perto da ilha de Bornéu, encontramos com o navio francês *Botão de Rosa*. Durante a visita de Stubb, ele fez um acordo com um marinheiro daquela tripulação e enganou o capitão. Vou contar como foi.

**O** *Botão de Rosa* havia recolhido duas baleias: uma já estava morta, boiando no mar, a outra tinha um cabo de pá de corte cravado no corpo. Stubb jurou que a pá era dele. Os animais cheiravam mal, obrigando os marinheiros a suportarem uma condição muito difícil, por causa dos trabalhos e do odor ruim. A tripulação do *Botão de Rosa* estava descontente com seu capitão, que não queria se livrar dos bichos, pondo em risco a saúde de todos. Stubb, querendo procurar **âmbar-gris** dentro de uma das baleias, combinou com o marinheiro conseguir o que era bom para os dois lados: que o capitão se livrasse dos animais. Assim, os homens acertaram que Stubb falaria em inglês com o capitão do navio, que só entendia francês. Como havia necessidade de tradução, o marinheiro poderia dizer qualquer coisa que lhe interessasse, e nosso imediato, falar qualquer coisa que quisesse.

E a conversa foi assim:

Stubb — Você parece criança vestido como comandante.



Marinheiro — *Monsieur*, ele diz que seu navio encontrou ontem com uma embarcação em que morreram vários homens por causa de uma peste transmitida por uma baleia doente que levavam.

Stubb — Este capitão é tão capaz de comandar um navio baleeiro quanto um macaco. Acho que ele é um babuíno.

Marinheiro — Ele jura que as duas baleias podem trazer morte e diz que, se damos valor à vida, precisamos soltá-las.

Stubb — É, eu aprontei com ele!

Marinheiro — *Monsieur*, ele está muito feliz em ter sido útil.

Assustado, o capitão mandou cortar as cordas que prendiam as baleias.

Com esse plano, Stubb conseguiu recolher âmbar-gris e o *Botão de Rosa* livrou-se de um problema com mau cheiro.

Se ouvíamos histórias diferentes a cada encontro, todos os capitães e suas tripulações que encontravam Ahab ouviam a mesma pergunta:

— Vocês viram a baleia branca, Moby Dick?

Aos que mostravam destroços de seus navios provocados pelo terrível animal, o capitão apenas perguntava “onde foi o encontro?”, com a intenção de dirigir-se para lá. Mas, com o comandante do *Samuel Enderby*, de Londres, Ahab teve um cumprimento diferente: o osso de baleia da sua perna cruzou com o osso postiço do braço do outro parceiro. Assim, cada um lembrou o “maldito animal” e a sofrida perda que ele tinha provocado no corpo deles.

**U**m dia, entre Sumatra e Java, no oceano Índico, ouvimos o alerta do vigia:

— Ali elas sopram, **um bando** de baleias!

Esticando o olhar, vimos vários jatos de água explodindo para fora do mar como se fossem espirros de névoa saídos de pequenos buracos da cabeça das baleias. A alegria foi geral. Os botes baleeiros foram descidos. Remamos na direção dos animais, esperando abater muitos deles. Durante a caçada, meu bote foi arrastado para o meio do bando e ficamos cercados. Depois, deslizamos por entre alguns bichos até chegar a um local tranquilo, que mais parecia um lago. Foi quando ficamos **maravilhados**: sob a superfície, jovens baleias amamentavam seus filhotes, havia fêmeas grávidas e um travesso recém-nascido. Elas se aproximaram e até fizemos carinhos. Mesmo assim, não quisemos ficar no meio delas. Conseguimos escapar e voltamos para o

navio. Nesse dia ferimos vários animais mas capturamos apenas um; também fugimos do assalto de piratas.

É claro que ver essa cena foi algo fora do comum. Na verdade, participávamos de situações terríveis. Ainda navegávamos pelo oceano Índico quando, depois de termos encontrado uma lula gigante, Stubb atingiu o coração de uma baleia. Enfiou sua lança comprida e afiada no animal, fazendo jorrar jatos de sangue. Depois, regalou-se com um bom pedaço de bife enquanto tubarões também comiam nacos de carne do corpo que, rebocado, ficou preso ao navio durante a noite.

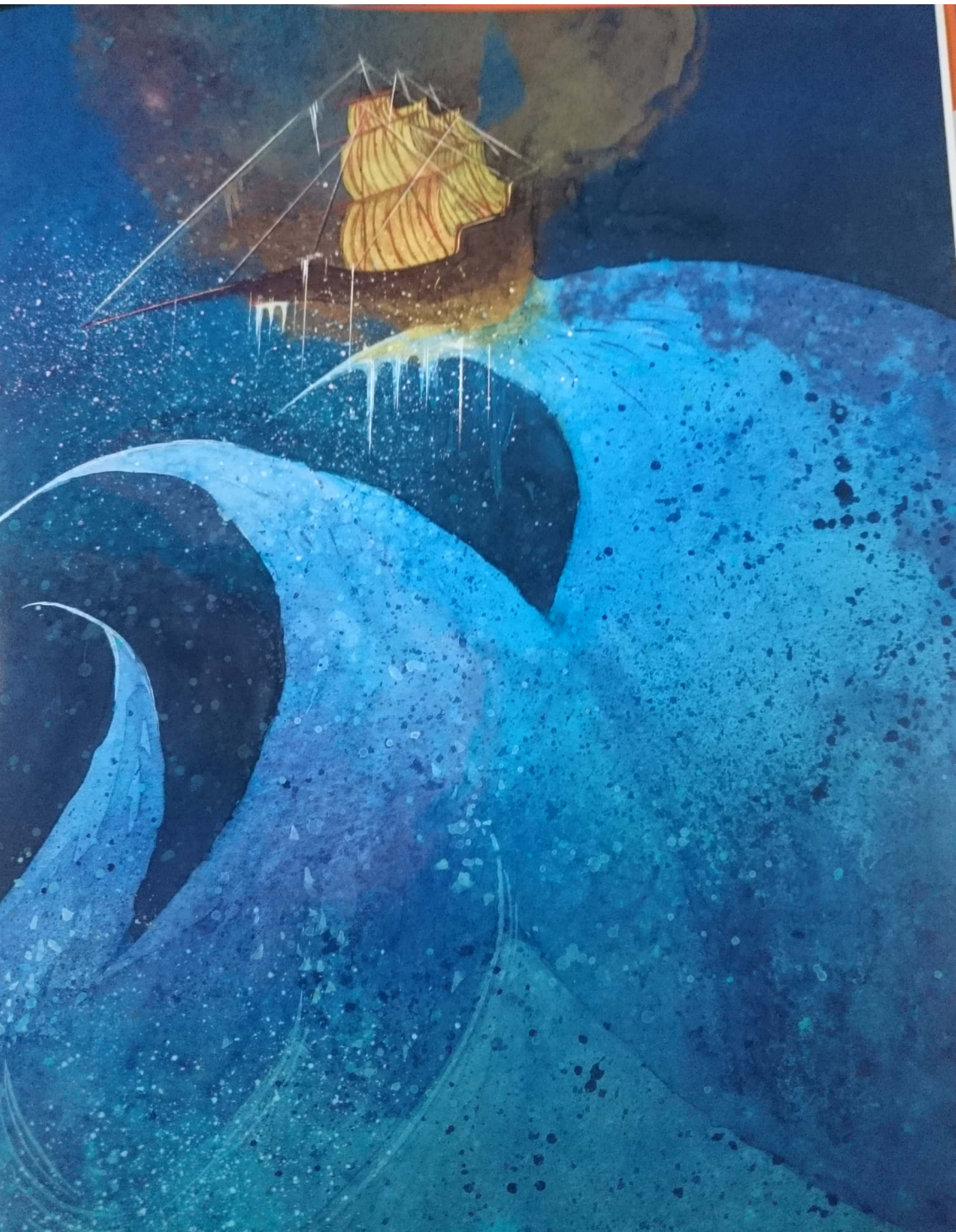
**E**mbora soubesse que caçar baleias manteria o bom ânimo da tripulação, Ahab continuava sua busca por uma certa baleia. Quanto mais avançávamos em direção ao oceano Pacífico, mais o nervosismo aumentava e coisas estranhas aconteciam.

Nas águas do Pacífico, enfrentamos um **tufão**. Os ventos uivavam e o navio era como uma peteca no meio das rajadas. Como manter a rota na violência da tempestade? Com coragem, os homens enfrentavam os perigos do mar, mas o medo não deixava de estar com eles, principalmente quando viam as feições misteriosas de Fedallah e os olhares de Parse para Ahab. Parecia que havia segredos entre eles.

Quando o tufão acalmou, as bússolas indicavam o leste como a direção seguida pelo navio. E os ventos, num bom sinal, estavam favoráveis à navegação. Nossa rota seguia para a região onde Ahab esperava encontrar Moby Dick.

Na manhã seguinte, enquanto Ahab observava o sol iluminando a paisagem, um pensamento fez com que perguntasse qual era a direção seguida pelo navio. “Leste, capitão!”, disse o timoneiro. O velho estranhou. As bússolas apontavam que o navio ia para o leste, para o lado em que o sol nasce de manhã, mas ele aparecia do lado contrário, na parte de trás do navio? Alguma coisa estava **errada!**

O capitão descobriu, então, que os instrumentos de orientação tinham perdido o magnetismo por causa da tempestade e não apontavam, de maneira certa, a direção real seguida pelo navio. Estávamos, na verdade, navegando para o oeste, no caminho de volta para casa, com ventos favoráveis, e não em direção ao lado leste. Para resolver a situação, Ahab fez o que pareceu mágica para a tripulação — consertou as bússolas. Com isso, mais admirado e temi-





MORY DICK



do, ele aumentou seu domínio sobre os marujos e mandou alterar a rota. Passamos a navegar em direção contrária à dos ventos.

Depois desses fatos, já próximos ao Equador, o capitão tornou-se mais agitado — ia da cabine para o convés e voltava, dizendo a todo momento:

— Vigias, **atenção!** Algum sinal daquele demônio? Lembrem-se da moeda de ouro para quem avistar Moby Dick! Se eu for o primeiro, o ouro será MEU! Mande o ferreiro e o carpinteiro deste navio fazerem um arpão especial para matar Moby Dick, com o melhor aço e lâminas que eu tinha. Batizei a arma com o sangue dos arpoadores deste navio! Não se façam de idiotas!

E, com essa ideia fixa, era comum o capitão subir ao mastro do navio para observar o mar e tentar descobrir sinais da aproximação de sua inimiga. Ou, então, permanecer fora da cabine sob sol e chuva. Seu desespero para não perder a oportunidade de matar a baleia branca era tanto que nada o afastava do projeto de seguir adiante, sem parar. Chegou até a negar ajuda ao capitão do navio *Raquel* para procurar tripulantes naufragados; entre eles estava o filho do comandante, de doze anos, que desaparecera num encontro com o terrível animal. Não adiantaram súplicas. Ir atrás de sobreviventes poderia fazer Ahab perder o rumo de Moby Dick. E isso ele não poderia aceitar!

**F**inalmente, num dia, ao cruzar com o navio *Delícia*, a grande notícia:

— Sim, vimos a terrível fera, olhe nossos destroços. Perdemos homens.

— Vocês a mataram?

Tão logo soube a resposta, o velho não ouviu mais nada. Nem o aviso de que caminhava para a morte deteve a viagem diabólica do *Pequod*.

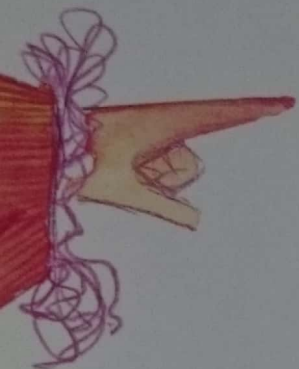
Certa noite, o capitão começou a farejar o ar, como cão de caça. Sentia cheiro de baleia.

Na manhã seguinte, como ninguém avistava nada, Ahab quis subir ao mastro. E logo gritou:

— O sopro, ali! Lá está **ela!**

Realmente, o imenso lombo branco, soltando seu alto jato de névoa, achava-se adiante. Conforme nadava tranquilamente, fazia um rastro de espuma cremosa.

Os botes foram rapidamente arriados. Um clarão de morte passou pelos olhos de Fedallah.



Moby Dick mergulhou. Ao subir, os marinheiros viram sua imensa boca aberta, com duas fileiras de dentes. Ahab mandou girar seu bote, para se afastar; porém, o animal, como se percebesse o plano, também se virou de tal forma que abocanhou a proa, onde o capitão estava. No ataque prendeu seu dente num gancho de metal, à distância de um palmo da cabeça do velho e a uma altura ainda maior. Sacudindo o bote como um gato sacode um rato, a baleia destruía sua presa. Reagindo, Ahab procurou abrir a mandíbula do bicho para soltar o barco; mas a bocarra se fechou, como se fosse uma tesoura, partindo a embarcação em dois pedaços. Um pouco antes, o capitão já tinha caído no mar.

Jogados na água, feridos, os homens foram atirados para todos os lados, por causa das enormes ondas que os movimentos da baleia provocavam. Depois, ela começou a nadar em círculos menores. No mar, erguendo e afundando, Ahab não deixava de dar ordens a Starbuck, que ficara no *Pequod*:

— **Avancem** sobre **ela!**

O navio se aproximou e a baleia se afastou.

Enquanto os naufragos eram recolhidos, Ahab e seus companheiros de bote juntaram-se na embarcação de Stubb, reforçando o grupo para reiniciar a perseguição; mas a baleia também parecia ter redobrado forças. Passou a nadar velozmente, de forma que os botes não poderiam alcançá-la. O jeito era continuar a perseguição dentro do próprio navio.

Mergulhando e voltando à superfície, o animal passou o resto do dia. Ao escurecer, Ahab sabia que não seria vantagem tentar pegá-lo. Assim, esperou o sol raiar.

**N**o dia seguinte, Moby Dick demorou a aparecer. Quando surgiu, próxima ao navio, deu um salto monstruoso. O capitão berrou:

— Com mil demônios, corram! Starbuck, fique no navio mas esteja por perto. Moby Dick, este é seu **último salto** em direção ao sol!

Já no mar, os arpoadores lançaram suas armas sobre o animal que avançava. Sangrando, desesperada e movendo-se em todas as direções, a baleia ia embaraçando as cordas dos arpões, tecendo um emaranhado. Ao se afastar, fez os barcos se chocarem entre si, numa confusão de cordas, ferros, tábuas, corpos e água salgada. Com esforço, Ahab conseguiu cortar as cordas. Então, depois de fazer as embarcações de Stubb e Flask trombarem, Moby Dick mergulhou velozmente.



COLEÇÃO FOLHA M: f. Número: 8/1/1



A seguir, aconteceu o que ninguém podia esperar. O bote de Ahab elevou-se no ar, como se estivesse sendo puxado por cordões invisíveis, pois Moby Dick, subindo rapidamente, acertou com a cabeça o fundo da embarcação, que voou e caiu sobre os marinheiros.

Então, a baleia se afastou.

Balançando no mar, agarrados ao que sobrara dos botes, os homens esperaram o resgate do navio.

Ahab voltou inteiro em sua sede de vingança, mas com apenas uma lasca da perna postiça. Ainda mandou reunir a tripulação e descer os botes de reserva; porém, faltava alguém.

— Capitão, falta Parse. Não o encontramos. Deve ter ficado no mar — falou Stubb.

O capitão empalideceu. Suas palavras foram reveladoras:

— **Não!** Será que Parse estava certo quando me disse que morreria antes de mim? Mas também disse que eu o veria de novo! Ah, mas isto não será possível porque ele já está no fundo do mar. Ainda vou decifrar este enigma!

Ahab permaneceu preocupado, também, com outras profecias. Parse tinha avisado que o capitão, antes de morrer, veria dois caixões com cadáveres — um deles não teria sido feito por mãos humanas, o outro teria sido construído com madeira americana. Quanto ao fato de que morreria por causa de uma corda de cânhamo, Ahab não deu importância — ele não iria dar o último suspiro na forca.

**C**om todos esses acontecimentos, Starbuck estava cada vez mais angustiado. No fundo, ele queria voltar para casa e insistia para o capitão desistir de sua vingança; mas o velho não cedia e Starbuck teve até vontade de matá-lo certa vez; mas não fez isso. Pensava e sentia coisas diferentes: ao mesmo tempo, queria obedecer a seu Deus (não queria vingança contra um animal irracional), queria retornar e também seguir seu capitão.

Em meio a sua aflição, Starbuck ainda falou com Ahab:

— Capitão, meu capitão, por Deus, **desista** desta ideia louca. Vamos ter que esperar que nosso último homem morra por causa deste monstro assassino?

Ahab respondeu:

— Nada poderá ser mudado porque apenas cumpro o meu destino; mas agora quero saber quem é realmente **corajoso**, porque, depois de flutuar dois dias, Moby Dick deverá morrer amanhã.

— Conte conosco! — disseram todos.

Aquela noite Ahab passou acordado, esperando o outro dia. Com uma nova perna feita de madeira de bote destruído, ainda sonhava enterrar um arpão na carne de Moby Dick.

O amanhecer foi lindo. Até o meio-dia, nenhuma novidade. Quando os vigias dos mastros deram o alerta, Starbuck estremeceu. Ahab e seus homens correram para os botes.

O mar ondulou fortemente quando tubarões cercaram apenas a embarcação do capitão. Starbuck gritou, de dentro do navio:

— **Volte**, capitão, volte, ainda é tempo!

Ahab nem ouviu.

Moby Dick mergulhou; mas reapareceu logo, como uma montanha de neve explodindo do mar. Lanças, pontas, cordas, arpões estavam cravados em seu corpo e eram arrastados em várias direções conforme agitava sua enorme cauda entre os botes, num ataque assassino. Só o barco de Ahab escapava.

Torrentes de água subiam e desciam e, no meio delas, girava o animal ferido e enfurecido; então, de repente, os homens viram algo que os deixou paralisados de **terror** — preso por cordas a Moby Dick estava o cadáver quase destruído de Parse, com os olhos arregalados, olhando para Ahab.

Deixando cair o arpão, o capitão falou:

— Você tinha razão, Parse. Moby Dick é um caixão e não foi feito pelo homem. Ainda disse que eu veria você outra vez; aí está! Mas, quanto ao outro caixão e a minha morte pelo cânhamo, você se enganou. Homens, é preciso consertar os botes destruídos! Voltem para o navio! Quem está comigo no meu bote fica proibido de sair!

A essa altura, a baleia nadava tranquila e veloz, à frente. Starbuck avisou:

— Veja, Ahab, a assassina não está atrás de você. É você quem está atrás dela.

Obedecendo às ordens, os arpoadores, imediatos e outros marujos retornaram ao *Pequod*. No mar, só ficou o bote de Ahab. Olhando para o navio, o capitão ainda viu Tashtego, Queequeg e Daggoo subindo nos mastros, Stubb e Flask ocupados em suas funções.









Talvez porque estivesse cansada dos combates, ou pelo peso dos arpões presos ao corpo, ou porque fosse traiçoeira, o certo é que a baleia diminuiu a velocidade. O barco de Ahab aproximou-se e ele arremessou, com fúria, seu arpão sobre o animal. Atingida, Moby Dick contorceu-se, fazendo virar o barco. Dois homens conseguiram se segurar, mas um deles ficou no mar, à deriva, desamparado.

Ahab continuou firme, mas foi rebocado pelo animal, que arrastava a corda presa ao arpão. Mesmo ferida, com sua força Moby Dick conseguiu arrebentar o cabo de cânhamo e distanciar-se.

Ahab ainda comandava:

— Não parem o **ataque!**

Moby Dick, então, se virou. Viu o navio que avançava em sua direção.

Talvez porque tivesse entendido que era o seu maior inimigo, talvez porque percebesse nele a origem das perseguições, Moby Dick avançou sobre o *Pequod*.

Ahab gritava:

— Estou cego, salvem o navio!

Foi inútil. A baleia arremessou sua enorme cabeça contra a proa do navio, abrindo um rombo. Os marinheiros ficaram como que congelados. A água começou a invadir os porões, e o capitão entendeu a profecia de Parse: o *Pequod* era o segundo caixão, feito de madeira americana.

Passando por baixo do navio que afundava, a baleia chegou perto de seu inimigo. Ele berrou:

— **Maldita**, destrói tudo e não conquista nada. **VOU ACABAR COM VOCÊ!**

E, mais uma vez, atirou o arpão.

Atingida, Moby Dick saiu em disparada, desenrolando a corda de cânhamo presa à arma de caça. Ahab tentou segurar, mas a ponta da corda que estava presa ao bote se soltou e enrolou-se em seu pescoço, levando-o para o fundo do mar. Foi tudo tão rápido que os marinheiros nem se deram conta.

Quanto ao navio, foi afundando, afundando, levando junto o último bote e seus tripulantes. Em certo momento, só se viam os mastros mais altos, com as mãos dos três arpoadores. Depois, vários círculos desenharam-se nas águas, até que tudo se tranquilizou novamente.

**V**ocê só pôde conhecer esta história porque eu **sobrevivi** à destruição. Tendo ficado à deriva, vi surgir, do mar, um destroço de nosso navio, que me serviu como bote de salvamento. Fui recolhido depois de dois dias pela tripulação do navio *Raquel*, que nos havia pedido ajuda. Eles ainda estavam procurando seus tripulantes desaparecidos, que eram como seus filhos perdidos; mas o *Raquel* só encontrou a mim. Eu também, como os homens naufragados, tinha ficado órfão.



Acho que quando meus pais escolheram meu nome, eles estavam inspirados pela natureza. É, Stela Maris quer dizer estrela do mar. Acho que, por isto, sou fascinada pelo céu, pelo mar e suas histórias. Entre aventuras que acontecem no mar, a de Moby Dick me emociona muito! Não sei dizer a você o que me fascina mais: se navegar no oceano durante a história inteira, vivendo com os personagens no navio, se entrar no clima de suspense, com as profecias e fatos estranhos que acontecem, sempre esperando, esperando o encontro com a baleia. Quando li esta história pela primeira vez, não consegui interromper a leitura nem por um instante, especialmente durante os três dias de luta entre o capitão Ahab e Moby Dick. O sentimento de vingança do homem e a luta da baleia para defender-se me fizeram pensar e sentir muitas coisas! Por querer proporcionar a você a oportunidade de vibrar com esta história, resolvi adaptá-la a fim de que logo entre em contato com uma bela narrativa escrita no século 19.

### *Stela Maris Fazio Battaglia, a autora*

Não me lembro de meu primeiro contato com Moby Dick. Durante muitos anos entendia a história como se a baleia branca fosse a grande vilã, perseguidora dos pobres pescadores. Ao ler o livro vi que a história não era bem essa. Não tratava da baleia, e sim da infinita obsessão de Ahab.

Sempre quis a oportunidade de ilustrar esta fabulosa história. E consegui. Tenho 32 anos, exatamente a mesma idade que tinha Herman Melville quando *Moby Dick* foi publicado pela primeira vez. Me sinto honrado.

Enquanto fazia a maior parte dos desenhos deste livro, no meu rádio estava tocando o cantor Moby, que não por coincidência é neto de Herman Melville – em homenagem ao avô, ele usa o pseudônimo de Moby por causa da baleia Moby Dick.

### *Weberson Santiago, o ilustrador*